

AAA Excepcional AA+ Alta qualidade BBB Acima da média BB+ Moderado CCC Baixa qualidade C Alto risco

Aventura filosófica em torno da água

Bernardo Ajzenberg faz livro certeiro sobre os tempos modernos. Por **Cadão Volpato**, para o Valor

"Minha Vida sem Banho"

Bernardo Ajzenberg

Rocco

192 págs., R\$ 24,50 **AA+**



A bela capa com o desenho de um cacto e o título desconcertante parecem anunciar o que virá pela frente em São Paulo: o pesadelo da falta

d'água. "Minha Vida sem Banho", de Bernardo Ajzenberg, é um desses pequenos livros assustadoramente certos, como se tivessem sido escritos no olho do furacão. Não que trate desse assunto da hora que é a escassez. "Minha Vida sem Banho" vai além, e não só pelo caminho das linhas bem-humoradas que o título sugere.

O livro é quase um tratado filosófico — feito, naturalmente, sem a dureza e os segredos da filosofia — sobre os tempos modernos. Fala da nossa época com um endereço exato: a cidade de São Paulo, constituída pelos misteriosos subterrâneos do pensamento humano, muitas vezes sombrios e desagradáveis, como se pode constatar depois das últimas eleições.

"Minha Vida sem Banho" é a história de um cara sem brilho, sem ginástica e sem vida social, plantado diante da televisão e trabalhando num instituto cujo objetivo, como ele mesmo diz, "é elaborar cálculos que, de forma clara, didática e precisa, demonstrem a grandiosidade dos riscos existentes, para a humanidade e para o planeta como um todo, diante do consumo desenfreado e irresponsável de água".

Seus tormentos consistem do seguinte: uma namorada que está viajando a trabalho e lhe escreve mensagens de pressão, um pai em crise, uma mãe doente. Mas a graça principal do livro é a forma como Bernardo Ajzenberg, um

escritor já de carreira longa, consegue alternar diversas vozes para constituir um todo que se equilibra com uma incrível suavidade. A história que ele está nos contando é feita de histórias cruzadas e muito reveladoras, mas o tom é sempre em voz baixa — um detalhe que não se encontra com facilidade na literatura brasileira contemporânea. Trata-se de uma elegância narrativa feita de ironia e contenção, nunca distante da vida que está em toda parte.

No caso, os personagens são ex-militantes trotskistas ou atuais militantes ecologistas, uns mais radicais do que os outros, como o rapaz de 30 e tantos anos que deliberadamente decide ficar sem tomar banho. E no meio de tudo, sem nenhum peso excessivo, a questão judaica, o triângulo amoroso, organizações secretas de ontem e de hoje.

A água e a limpeza do corpo são algumas das metáforas que poderiam ser aplicadas à história: as impurezas da vida estão no passado e no presente, quase tudo é passível de redenção, mas a sujeira é algo que os homens têm de carregar. Nessa pequena aventura filosófica moderna, em estilo às vezes machadiano, atualizado por e-mails contundentes e blogs quase cômicos, a água continua tendo a ver com a vida. É como se o escritor estivesse ele mesmo se purgando das impurezas que a literatura acumulou ao longo do tempo. Pois este acaba sendo o seu ponto maior de inflexão: vindo dos romances "Carreiras Cortadas" (1989), "Efeito Suspensório" (1993), "Goldstein & Camargo" (1994), "Variações Goldman" (1998), "A Gaiola de Faraday" (2002) e "Olhos Secos" (2009), Bernardo Ajzenberg, surfando numa leveza narrativa excepcional, acaba de cometer o seu melhor livro — o que não é pouco.



Ajzenberg: autor "surfa" numa leveza narrativa excepcional, feita de ironia e contenção

Trechos

"Nessa manhã, quando parei de tomar banho, dediquei-me ao trabalho com mais afinco que de costume. Não consegui, por outro lado, deixar de pensar que, considerando que um banho médio dure 15 minutos, eu tinha deixado de gastar 135 litros de água; mensalmente, se continuasse sem banho, calculei, seriam mais de quatro mil litros, ou cerca de quatro metros cúbicos de água. Em termos financeiros, isso representaria algo

em torno de 16 reais, ou seja, perto de trinta por cento da minha conta de água de solteiro ao fim do mês."

"(...) Logo depois de me sentar e ligar o computador no trabalho, porém, recebi sobre a cabeça aquilo que a sabedoria popular chama de ducha de água fria. A primeira mensagem na minha caixa de entrada no Outlook, logo no assunto, dizia: "Você está cheirando mal." ■